

Resenha

DASCAL, M. 2006. *Interpretação e compreensão*. São Leopoldo, UNISINOS, 720 p.

O ser humano está, constantemente, em busca de significados. Nessa busca contínua, a linguagem se apresenta, paradoxalmente, como responsável por desvelar e velar o significado, possibilitar e impedir a compreensão. Isso porque a interpretação do texto (que somos nós, que são os outros, que é o mundo) requer sempre a compreensão do contexto, da história, das normas sociais vigentes, das intenções subjacentes. O que Dascal apresenta nessa obra – composta por três grandes partes e dividida em 30 capítulos – é o papel fundamental da pragmática em uma teoria da compreensão e da interpretação. A pragmática é desenvolvida de forma interdisciplinar em diálogo constante com a lingüística, a retórica, a metáfora, a literatura, o direito, a arte, a psicanálise, a hermenêutica.

A relação entre semântica e pragmática é entendida, por Dascal, como uma relação de complementaridade e não de exclusão ou sobreposição ou ainda de resíduos, na qual a pragmática se ocuparia daquilo de que a semântica não deu conta ou que acabou deixando de lado. Antes, uma análise pragmática sempre deve ser pressuposta em qualquer movimento de interpretação, ela deve atuar; portanto, conjuntamente com a semântica. Isto porque até mesmo as elocuções “literais” ou “transparentes” precisam de uma análise pragmática para que sejam entendidas como “literais” ou “transparentes”.

Para que haja comunicação intersubjetiva, duas pressuposições são necessárias ao bom entendimento: o dever de compreender e o dever de se fazer compreender. A pragmática figura aqui como uma das formas mais bem-sucedidas de se alcançar a compreensão das intenções de um falante. Porém, as intenções com as quais a pragmática lida são somente aquelas em que o falante é responsável como agente consciente, não se tratando, pois, de intenções inconscientes, cujo domínio caberia à psicanálise.

A noção de contexto recebe atenção específica e um apurado desenvolvimento nessa obra em seu duplo papel pragmático e semântico. Dessa forma, o contexto não se restringe à vinculação de uma análise pragmática, mas também faz parte da análise semântica na verificação da correspondência entre o nível lingüístico e o nível ontológico. Sem informação contextual, uma sentença não pode expressar, por exemplo, condições de verdade.

Contra a idéia de que a única forma digna de respeito em um estudo filosófico é a forma conceitual e literal, Dascal aborda um estudo da metáfora no modelo de uma análise epistemológica baseada nas metáforas. O que se percebe é que uma forma adequada de análise lingüística não pode negligenciar a importância cognitiva presente no uso metafórico da linguagem.

A explicitação da pragmática em sociopragmática e psicopragmática também encontra espaço nessa obra. A primeira compreenderia a comunicação intersubjetiva, como no chiste, e a segunda, um tipo de “linguagem individual” apresentada, para-

digmaticamente, na linguagem do sonho. O sonho não é, a princípio, controlado por convenções lingüísticas, e a linguagem não tem, dessa forma, um papel essencial. Porém, nos chistes, a linguagem é não só necessária, mas também passível de ser usada de maneira criativa, pois o chiste é um trabalho do consciente. A questão é saber se na psicopragmática há – assim como na sociopragmática – princípios reguladores do uso da linguagem.

Figura nessa obra – especialmente na terceira parte – uma produtiva síntese entre a teoria dos atos de fala de Searle e a lógica da conversação griceana, teorias de grande importância para o desenvolvimento futuro da pragmática. Searle e Grice criticam a posição de teóricos da linguagem que igualam significado e uso. Porém, o caminho apontado por ambos para resolver esse problema difere bastante. A junção operada por Dascal é um meio termo coerente entre a formalidade e o rigor das regras constitutivas baseadas na semântica, proposta de Searle, e o caráter informal, heurístico e pragmático proposto pela lógica da conversação griceana.

Dascal mapeia os principais modelos de interpretação que estão presentes na busca infundável do ser humano pelo significado: modelo criptográfico, hermenêutico, pragmático, superpragmático, causal de estrutura profunda, entre outros. A grande crítica do filósofo se dirige a qualquer forma de interpretação que se apresente, de modo decisivo, como a única a ser adotada. A proposta apresentada é que todos os modelos de interpretação têm seu lugar, sua validade e sua especificidade. A parcialidade de cada modelo requer que a relação entre eles seja, fundamentalmente, uma relação não de exclusão, mas sim de complementaridade.

Jaqueline Stefani

Mestre em Filosofia pela UNISINOS, RS, Brasil

jaquelinestefani@yahoo.com.br